Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo: amenidades e facilidades

Hospitality Milestones in the City of São Paulo: amenities & facilities

Celia Maria de Moraes Dias[1]

RESUMO: O trabalho busca apresentar e discutir as fases em que se deu a introdução da hotelaria no Brasil, especialmente a transição de uma hospitalidade graciosa, em casas de família, para a hospitalidade comercial; e dos pequenos hotéis familiares aos grupos transnacionais que começaram a operar nas últimas décadas do século XX, na cidade de São Paulo. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, podendo o estudo ser definido como de gabinete, com enfoque histórico-evolutivo.

PALAVRAS-CHAVE: hotelaria; evolução da cidade de São Paulo; hotel; meios de hospedagem; hospitalidade; hospitalidade comercial.

ABSTRACT: Paper that intends to present and discuss the hospitality phases in Brazil, especially the transition from a private hospitality, at family homes, to commercial hospitality, and from the small familiar hotels to the transnational groups that began to operate in the last decades of the XX century, in São Paulo. Desk research and comparative study that, from documents and bibliography, emphasizes the historical and evolutive approach.

KEYWORDS: hotel; hospitality; evolution in São Paulo; private hospitality; commercial hospitality.

Hospitalidade

A hospitalidade é um tema muito antigo, mas que tem sido revisto e rediscutido na atualidade. Ela pode apresentar dimensão coletiva e atributo de obrigação que, por muito tempo, foi religiosa (e associada à idéia de caridade) e em nossos dias dependeria mais do serviço público e do domínio da proteção social (alojamentos sociais, hospitais) ou do domínio comercial (principalmente hotéis). Embora se possam listar inúmeras definições para o termo, ficamos com Anne Gotman (e os estudiosos franceses que fizeram a publicação "Communications – La question de l'hospitalité aujourd'hui", 1997, da qual se fez uma tradução livre), que a define como algo que permite aos indivíduos, famílias de lugares diferentes (tanto de cidades como de países), se agrupar, se alojar e prestar serviços mútua e reciprocamente. Enquanto para Jacques Godbout, a hospitalidade é um dom de espaço, espaço para habitar, atravessar ou contemplar, como também sugere Claude Raffestin, a sua qualidade – superfície, acessibilidade, conforto, estética, historicidade – produz o que Hervé Le Bras nomeia «hospitalidade inerte», a dos lugares e não das pessoas, o que permite distinguir "cidade hospitaleira", ou "rua inospitaleira", expressões da linguagem comum que traduzem a idéia de uma capacidade imanente do espaço de produzir a hospitalidade, quando esta resulta das relações sociais de hóspede-chegante inscritos no espaço.

Por fim, trata-se também, como informa Heal, do advento da civilidade liquidando a hospitalidade, separando cada vez mais as classes sociais entre si, bem como os espaços privados e públicos. Ou uma perversão da hospitalidade mais acolhedora para com os estrangeiros que para com os seus próprios habitantes, sobreinvestindo e superconcentrando os espaços de recepção do público a ponto de comprometer a efetiva função residencial da cidade? (autores citados por Gotman, 1997).

A cidade de São Paulo

A cidade de São Paulo sofreu no século XIX tantas e tão rápidas mudanças que Toledo (1983) a caracteriza como "três cidades em um século", referindo-se às substituições nas técnicas construtivas, que passaram, no mesmo século, da taipa de pilão ao tijolo e depois ao concreto armado. Parece claro afirmar que essas alterações estejam no bojo de grandes e importantes mudanças havidas no comportamento dessa sociedade. Como afirma Reis Filho (1994: 9-10), "nas obras e nas formas de produção e uso, é possível compreender as condições de vida e as etapas de evolução das cidades. O espaço organizado e construído configura, em boa parte, as relações sociais". É, ainda, o mesmo autor que, discutindo a questão do patrimônio ambiental urbano e o valor e a importância de alguns conjuntos arquitetônicos e urbanísticos, comenta que:

1. Bacharel em Relações Públicas e Turismo pela ECA-USP; mestre (área de Hotelaria) e doutora (área de Turismo Rural) em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e do Curso de Turismo da ECA-USP. Contato: rua Nepal, 474 – 88338-210 – Balneário Camboriú - SC; e-mail: cdias@anhembi.br.

> há um outro setor, com obras significativas, que por preconceito tem sido excluído dos estudos urbanos, reduzindo drasticamente as suas possibilidades explicativas. Trata-se das grandes obras de infra-estrutura e dos equipamentos para serviços. No setor devem ser incluídas obras [...] como as rodovias e ferrovias [...] e as instalações para turismo.

Assim, o que se buscou aqui foi aplicar os conceitos referidos de hospitalidade a essa cidade mutante e verificar como se deu a evolução nas formas de receber e acolher, tanto o habitante quanto o visitante, bem como tentar compreender as condições que propiciaram as alterações de suas feições e de sua centralidade.

São Paulo, dos primórdios até o fim do século XVIII – hospitalidade e hospedagem

A cidade de São Paulo de Piratininga, que nasceu em 25 de janeiro de 1554, tinha, desde então, até quase findar o século XVIII, aproximadamente a mesma configuração, situada no topo de uma colina, quase ilha, já que era circundada por terrenos alagadiços onde corriam o rio Tamanduateí e o córrego Anhangabaú, limitada pelo triângulo compreendido pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro e balizada pelas igrejas do Carmo, São Francisco e de São Bento.

Ao iniciar-se o século XVIII, o estado de São Paulo recebe uma visita ilustre: a de Richard Burton que, se arrisca dizer, faz, ao menos metaforicamente, a primeira classificação das hospedarias paulistas (Dias, 1990). Burton, após tomar conhecimento do "parque de hospedagem" existente, classifica os estabelecimentos da seguinte forma:

> Primeira categoria: simples pouso de tropeiro; Segunda categoria: telheiro coberto ou rancho ao lado das pastagens; Terceira categoria: venda, correspondente à pulperia dos hispano-americanos, mistura de venda e hospedaria; Quarta categoria: estalagem ou hospedaria; Quinta categoria: hotéis. Uma nota curiosa: nos hotéis principais, como os de propriedade dos franceses Charles e Fontaine, só se hospedava quem tivesse cartas de recomendação (Hotéis do Brasil, 1978).

Buscando melhor compreender a distribuição da oferta de alojamentos nos primórdios brasileiros, utilizou-se a descrição de Frieiro (1982: 100-1) para comentar o que eram, então, os meios de hospedagem em nosso país.

> Os viajantes encontravam no caminho quatro modalidades de alojamento: o pouso, o rancho, a venda e a estalagem ou hospedaria. O pouso era simplesmente o terreno onde os tropeiros e viajores acampavam para preparar o almoço ou passar a noite ao relento [...] Em seguida, vinha o rancho. Consistia de um telheiro mais ou menos amplo, erguido sobre esteios de madeira ou pilastras de tijolos e coberto de sapé.
> Tinha, algumas vezes, paredes externas e mais raramente compartimentos interiores.[...]
> Os ranchos desempenhavam papel de importância na economia das regiões pelas quais passavam as tropas. Estas deviam ser abastecidas, constituindo o consumo de milho pelos cavalos, negócio lucrativo para os proprietários de roças marginais, interessados em atrair os viajantes para os ranchos que punham à sua disposição. Melhor era a venda, que consistia de uma casa de moradia e um alpendre para abrigar a carga das mulas. Podia-se achar ali (e, mais comumente, não se achava) algumas das mercadorias indispensáveis aos moradores da roça – desde cachaça, sal, açúcar, feijão, carne-seca, até ferraduras, fumo em corda, armas de fogo, cabeças de alho e livros de missa. Os estranhos hospedavam-se num mau quarto, com um jirau ou catre de pau e uma gamela para as abluções. Em algumas vendas, sujas e sem as mínimas condições de comodidade, esfolava-se o viajante que uma vez reclamou que pagava mais pela farinha de mandioca que pelo melhor jantar em Paris. Finalmente – notável progresso – surgem as estalagens ou hospedarias, que passaram a chamar-se, já nas últimas décadas do século passado (XIX), com o afrancesado nome de hotéis.

Segundo Mombeig (2004: 37), no século XVIII um hoteleiro chegou a instalar-se no:

> ponto de junção de todos os caminhos, o 'Piques' (depois ladeira da Memória), no barranco do Anhangabaú. Este tornou-se um ponto de encontro de comerciantes, tropeiros, escravos fugitivos, que conviviam na hospedaria do 'honesto Bexiga', criador involuntário de um bairro de categoria inferior.

Já se vê, pela descrição de Mombeig, assim como também relatava, antes, em seus escritos Saint Hilaire, as vendas e as hospedarias, a um tempo que eram locais de encontro, também o eram de receptação de objetos furtados e outras atividades não muito recomendáveis.

Fazendo parênteses, arrisca-se dizer que essa imagem negativa que então cercava as atividades envolvendo o comércio ou a própria hospitalidade comercial, na cidade, talvez tivesse sua origem na posição relativa que ocupavam, na Grécia antiga, as noções de *otium* (ócio/atividade a que se dedicava a classe dos pensadores e filósofos) e *negotium* (negócio/atividade menor, exercida por pessoas de classes inferiores), bem expressa na Odisséia, pelo relato do ódio que Ulisses alega ter sentido, numa de suas viagens, ao ser confundido, certa vez, com um comerciante.

A partir do século XIX – grandes mudanças na cidade

Embora cada cidade tenha uma feição, de acordo com Reis Filho (1994: 17-23), pode-se identificar em São Paulo ao menos quatro fisionomias distintas:

> a da velha cidade de taipa, do tempo do trabalho escravo (até 1888); a da cidade européia (1889-1930); a da cidade modernista (1930-1960) e a metrópole centralizada e congestionada (1960-1990). Até 1890, São Paulo tinha um urbanismo colonial. Era uma cidade semelhante a Parati e São Luiz do Paraitinga em nossos dias.

O quadro descrito por Burton e, depois, Frieiro, representava a realidade da hospitalidade nos caminhos. Na cidade de então, conhecida como "dos fazendeiros", as casas eram utilizadas por seus proprietários e famílias especialmente nas ocasiões festivas e religiosas.

Com efeito, pelos relatos dos viajantes sabe-se que o costume, bastante disseminado, da hospedagem graciosa em casas de amigos ou conhecidos, aliado ao recato e retraimento da população paulistana, pareciam incompatíveis com a vida coletiva apresentada pelos hotéis. Historiadores afirmam que, até por volta de 1850, o paulistano médio não se hospedaria em hotéis, sob o risco de ser acusado de promiscuidade ou mesmo de suspeição de imoralidade. Demonstrando a mudança de hábitos da metrópole, Pedro Taques publica, em 1865, versos que ironizam o hábito de hospedagem gratuita em casa de amigos:

> Hóspede mais de três dias,
> Instalado em casa alheia,
> Pagando com cortesia
> Almoço, jantar e ceia,
> Afora o quarto que habita.
> Má visita!

É interessante notar, nesses versos, sentido similar ao encontrado em antigo ditado latino (embora também existente em muitas outras nações, ocidentais ou africanas, com algumas modificações), que dizia: "Hóspede e peixe, a partir do terceiro dia, cheiram mal".

Esse dito parece lembrar uma das regras básicas da hospitalidade, que é o tácito estabelecimento de limites, tanto temporais como espaciais, que ocorrem quando se inicia a relação hóspede/anfitrião. A usual insistência do anfitrião a que nos "sintamos em casa" pressupõe que não estamos em nossa própria casa e mesmo os votos de boas-vindas: "seja bem-vindo, mas limpe os pés" são lembrete para que, quando hóspedes, devemos obedecer às regras do anfitrião.

No entanto, muita coisa começa a mudar quando, em 1827, por decreto imperial, é criada a Academia de Direito do Largo de São Francisco. A população, então, não chega a mais de 10 mil habitantes, concentrados nas freguesias da Sé, Santa Ifigênia e Brás. Sua instalação foi o acontecimento mais importante para a vida da cidade em toda a primeira metade do século XIX. Martins (2004: 126) afirma que "de 1828 a 1870, foi a Faculdade de Direito que definiu a vida urbana local, constituindo, de fato, o burgo dos estudantes". Singer (2004: 157) informa que, por volta de 1863, deveriam estar inscritos, nos diversos cursos da faculdade, cerca de 600 estudantes, 80% dos quais de outras províncias do império. "Não é de estranhar inteiramente a adição de várias centenas de novos consumidores, muitos de apreciável poder aquisitivo, a uma população de cerca de 15.000 almas, grande parte da qual produzia o seu próprio sustento diretamente."

É evidente que a chegada, à pequena capital da província, desse volume de jovens, cria alguns problemas, como a falta de lugar para moradia. Assim, alguns passam a morar em celas do próprio convento, mas depois passam a alugar casas particulares, que resultam em aglomerados políticos, recebendo o sugestivo nome de república. Genesco, em 1866 (*apud* Martins: 126-7), traduz o que eram então aquelas agremiações:

> Há em São Paulo uma reunião original, vivendo louca, caprichosa e interessante, que tem uma crônica importantíssima, mas que varia tanto quanto o caráter de seus protagonistas. Não sabemos que mente de poeta, ou de socialista observador, batizou essa reunião sob o nome simpático de república.
> Três ou quatro rapazes reúnem-se, pactuam e vão viver na mesma casa, fazendo em comum as despesas do alimento, do aluguel, etc. Eis a república proclamada.

De acordo com Bruno (1991: 455),

> foi a Academia de Direito que principalmente arrancou a capital da província de seu sono colonial e foi a presença dos estudantes [...] que criou condições para que se inserissem em sua existência, alterando-se a estrutura e os costumes tradicionais, os hotéis, as casas de diversão, o teatro e as atividades intelectuais.

E Morse (*apud* Martins, 2004: 127) agrega:

> a vida nas repúblicas provocou um rompimento abrupto do austero código do sobrado e da família reclusa. As caçadas, a natação, o flerte, as bebidas, as orgias e o hábito de se reunirem para a discussão e o divertimento levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e livrarias e inauguraram o sentimento de comunidade.

Se ainda hoje se reclama que o lazer é deficiente na cidade, antes da chegada da ferrovia, a animação decorria de tropas de mulas, brincadeiras de estudantes da Faculdade de Direito e as festas e procissões tradicionais. E, mesmo depois da chegada dos trens, dados de 1873 apontam que a cidade tinha seis bilhares, um botequim, duas confeitarias, dois cafés e uma casa de banhos. Mesmo não existindo ainda denominação de hotéis, alguns desses equipamentos, como os bilhares, poderiam conter também instalações para pernoite.

No que se refere a espaços e equipamentos para lazer, entre as novidades do início do século XIX é criado o Horto Botânico, para o qual foi destinada área no Bairro do Guaré. Cercada, ficou sem uso até 1825, quando foi aberta ao público como o primeiro parque da cidade – o Jardim da Luz.

Nessa época, algumas melhorias apontam para a evolução que se avizinhava, com a instalação da primeira via férrea. Em 1856, chega a primeira iluminação a gás às ruas do centro, inaugura-se a primeira sala de teatro em 1864 e constroem-se chafarizes públicos nas principais ruas da cidade. Em 1872 instala-se um serviço de bondes a tração animal.

Em 1892 se inaugura o Viaduto do Chá (antigo) e, pouco depois, outro, ligando o centro velho, a partir do largo de São Bento, ao bairro de Santa Ifigênia. O "triângulo" passa a interligar-se à "cidade nova" com os bondes da The São Paulo Tramway, Light & Power, pelo Viaduto do Chá.

Junto ao casario do centro, ainda integrado pelos edifícios coloniais, de telhados cinza, térreos ou com um ou dois andares, com pequenas portas de madeira e fachadas tristes e desnudas, em maio de 1900 começa a circular uma novidade: o primeiro bonde elétrico. A circulação se agiliza. Mombeig (2004: 57-9) considera esse dia da inauguração dos bondes elétricos como ponto de partida da fase contemporânea da evolução urbana de São Paulo como metrópole. Logo chegam os primeiros automóveis. Também surgem os cinemas. A eletrificação e a indústria são o marco da inflexão que transformaria São Paulo na cidade "que não pode parar". O número de edificações cresce sem cessar, novas áreas são anexadas e uma nova arquitetura modifica a paisagem.

Hospitalidade, comensalidade e lazer

Os cafés são conhecidos como lugares de encontro, de reuniões, ou mesmo de debates. São espaços privados abertos ao público, espaços protegidos da multidão solitária, onde pode-se estar junto mas também apresentar-se único (Gotman, 1997).

No que se refere a aspectos de hospitalidade, ligados à comensalidade, sinônimo de compartilhamento de alimento e bebida, os cafés do "triângulo", como o Brandão, ou o Café da Java, as confeitarias, entre elas a Castellões – com suas empadinhas e croquetes de camarão – e as lojinhas, que serviam garapa, o caldo de cana moída, representavam, nesse fim de século XIX, importantes pontos de encontro entre os fazendeiros de café que vinham à capital, negociantes, comerciantes e moradores.

Quanto aos esportes e lazer, em 1894, Charles Miller organizou o primeiro time regular de futebol entre os sócios do São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado em 1888 por ingleses amantes do *cricket* e do tênis. O primeiro clube fundado por brasileiros (família Prado), foi o Clube Atlético Paulistano, em 1900. Até aí todos os demais clubes eram de europeus ou fundados por europeus.

Monteiro Lobato, comentando esse momento da cidade em que havia tantos imigrantes, batiza seus habitantes de "paulistalianos", pois, sendo estes em tão grande número, ao se caminhar pelas ruas, tinha-se a impressão de que aqui era nativa a língua mediterrânea.

Entre os italianos, muitos deles eram músicos ou possuíam habilidades como pintores, pedreiros, carpinteiros, serralheiros, marceneiros, marmoristas, construtores ou mestres-de-obras, sendo responsáveis pelo ingresso, na cidade, de novas técnicas e vanguardas artísticas e arquitetônicas. Mais tarde passam a fazer sua contribuição na área gastronômica.

Por outro lado, foram os alemães que fundaram os primeiros botequins e as primeiras cervejarias de São Paulo, contribuindo para trazer à cidade novos costumes de comensalidade. Essa contribuição pode ser reconhecida nos inúmeros bares e choperias da cidade que, até hoje, servem cerveja ou chope acompanhando alguns pratos alemães e ostentam na fachada denominações como Juca Alemão, Bar do Alemão, Bar do Fritz, Bar do Leo, Biergarten, Bierhalle, Bierhaus etc.

Já na moda feminina, o requinte e o luxo franceses passam a imperar na cidade que começa a se modernizar. Agora as lojas denominavam-se Nôtre Dame de Paris, Au Palais Royal, Au Printemps, Au Bon Marché. Também os hotéis, visando destacar-se e adquirir essa aura de luxo e requinte, arriscam mudar seus nomes, afrancesando-os.

Tamanhas inovações e conseqüências derivadas da cafeicultura, como aumento da população, desenvolvimento comercial, melhoramentos urbanos etc., mostram que não é exagero afirmar que o café propiciou uma segunda "fundação" da cidade, em fins do século XIX.

Centro velho – século XIX – hotéis do império

Pode-se dizer que o gosto e o modelo europeu foram a inspiração para nossa Belle Époque, que imperou por cerca de cinqüenta anos, a partir de 1890. Nesse período, levantaram-se muitas construções com influência da arte francesa, mas principalmente no estilo eclético (com características variadas de neoclássico, gótico, neogótico, românico e neo-românico e, até do renascimento italiano), bem como exemplares de *art nouveau*. É esse o ambiente em que se desenrola a fase inicial da hospitalidade comercial paulista.

A publicação Hotéis do Brasil (1978) cita que:

> São Paulo, por essa época (por volta de 1870), mostra um progresso inusitado e um parque hoteleiro dos mais expressivos do país. No Largo de Capim, atual rua do Ouvidor, temos o Hotel Palma; na rua São Bento, o Hotel Paulistano; na rua da Fundição, esquina do Pátio do Colégio, o Hotel do Comércio; na rua do Comércio, com bilhares, o Hotel Providência, de Madame Lagarde; no Pátio do Colégio, o Hotel Universal, do francês Lefèbvre; o Hotel das Quatro Nações, que mais tarde, sob a direção de José Maragliano, passou a denominar-se Hotel Itália; o Hotel de França; o Hotel Rebechino; o Hotel Bela Vista; o famoso Hotel D'Oeste; o Grande Hotel e os Allogios, pequenos hotéis italianos, onde a comida era farta e o vinho generoso. O almanaque da Província de São Paulo, editado em 1885, registra a existência então dos seguintes hotéis: Hotel Brasil-Itália, na rua Boa Vista; Hotel Fasoli, na rua Senador Feijó; do Hotel Boa Vista, na rua do mesmo nome; Hotel Provenceau, na rua São Bento; Hotel Albion, na rua Alegre, atual Brigadeiro Tobias; Hotel das Famílias, próximo ao Mercado, no fim da General Carneiro; Hotel Bristol, na rua Gusmões; Hotel Suíço e a Pensão Morais, no Paissandu. Alguns outros hotéis de quase nenhuma expressão ainda existiam na capital paulista. Mas com características de hotel e capacidade de hospedagem e prestação de serviços, os hotéis paulistanos eram os acima enumerados.

Agora mais rapidamente, a cidade de aparência colonial transforma-se, apresentando melhoramentos urbanísticos que anunciam o seu futuro de metrópole do café. Inicia-se a expansão urbana em direção às várzeas e terraços fluviais, onde haviam sido instaladas as ferrovias. Surgem fábricas e bairros operários. O antigo triângulo, em sua formação inicial de urbanização, passa a configurar-se como setor de serviços e comércio e teve seus principais elementos hoteleiros localizados próximo à Faculdade de Direito e às estações ferroviárias da cidade. Um dos mais notáveis desse período foi o Grande Hotel, construído por encomenda do alemão Frederico Glete, na rua São Bento, esquina do Beco da Lapa (atual rua Miguel Couto).

Inaugurado em 1878, em edifício construído especialmente para fins hoteleiros, era considerado "o melhor hotel do Brasil". O Grande Hotel possuía grandes candelabros a gás iluminando o vestíbulo, escadas de mármore, bons quartos decorados com elegância, cozinha e gastronomia de primeira qualidade. Foi o primeiro prédio de arquitetura neo-renascentista na cidade. Projeto do alemão Von Puttkamer, era um edifício de três andares e que recebeu ao longo de sua história inúmeros hóspedes famosos, como o príncipe Henrique da Prússia e a artista Sarah Bernhardt. Entretanto, veio a ser demolido em 1964 e em seu lugar foi construído um edifício comercial.

Infelizmente, pesquisa efetuada nos dá conta de que, da época imperial, não há mais nenhum hotel remanescente no centro histórico. Esse fato nos faz lembrar o relato de Nestor Goulart dos Reis (1994: 209), que diz que, certo dia, viajando com o crítico italiano Bruno Alfieri, mostrou-lhe uma casa bandeirista, informando que poderia ter mais de trezentos anos. O crítico lembrou ao brasileiro que, na Itália, há casas com mais de dois mil anos (!) É lamentável que hotéis, ao menos, não haja mais nenhum para contar a história desse tempo.

Século XX – arranha-céus e hotéis

De acordo com Reis Filho (1994: 149), entre 1890 e 1920, os edifícios mais importantes de São Paulo foram construídos com estruturas metálicas importadas, as mesmas que, desde meados do século passado, eram utilizadas nas obras ferroviárias, para a construção de pontes e dos grandes viadutos.

Esse quadro começa a se modificar no início do século XX, quando começam, entre 1900 e 1910, a ser utilizadas as primeiras estruturas de concreto. Com a crise de 1929, passa a ficar inviável a construção de estruturas com peças de aço, que tinham de ser importadas e, a partir daí, as grandes obras passam a ser construídas em concreto armado.

Dos hotéis surgidos no século XX, o Grande Hotel São Bento, existente a partir de 1929, na rua São Bento, nº 35 e nº 49, é dos mais importantes. Instalado no Edifício Martinelli (ocupava apenas alguns andares), foi o primeiro hotel em arranha-céu.

Construído em concreto armado, entre 1925 e 1929, pelo Conde Francisco Matarazzo, o Edifício Martinelli representa a ascensão do imigrante e o início da verticalização da cidade. O conde também fez construir, na cobertura do edifício, uma grande mansão, onde residia.

Conta-se que um seu conterrâneo, em visita ao topo do edifício, teria comentado, jocosamente, contemplando a vista que se descortinava do alto: "qui

si lavora" (indicando as "terras baixas", do Brás, Bom Retiro e Barra Funda) e, apontando para os lados das "terras altas" — Campos Elíseos, Higienópolis e avenida Paulista: "li si mangia...".

Era a cidade crescendo, deixando sua formação aglomerada no "centro velho" e apontando o início da segregação espacial de seus moradores, polarizando industriais e barões de café, de um lado, e operários, de outro, no início do século XX.

Por outro lado, é interessante comentar o caso do Martinelli, que exemplifica claramente a característica de São Paulo como cidade palimpsesto — "imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber uma nova, de qualidade inferior, no geral. Uma cidade reconstruída sobre si mesma, no século XIX" (Toledo, 1983: 77). Antes desse edifício, no mesmo local, na ladeira do Açu (ou Acu, antigo nome da avenida São João), se instalou o Café Brandão e, de acordo com Moura (1980: 88), previamente, num sobradão construído em 1814, se instalaram lá o Hotel Paulista, de Adolfo Dusser e depois o Hotel Europa!

Mais tardio, o Othon Palace Hotel é símbolo do fim da construção de hotéis verticalizados na região do centro velho. Construído com requintes de luxo, revestido em mármore e granito travertino, entre 1952 e 1954, é um edifício tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico. Inaugurado por ocasião do IV Centenário, em 1954, o Othon hospedou celebridades, como Charles de Gaulle e Yuri Gagarin. Era o hotel preferido de Juscelino Kubitschek.

A construção do Viaduto do Chá e do Teatro Municipal apontam o crescimento rumo aos Campos Elíseos. No fim dos anos 1940, a Barão de Itapetininga, Ipiranga e o outro lado do Anhangabaú passam a definir o "centro novo", que suplantaria o centro velho e a região da Luz, Santa Ifigênia e Campos Elíseos, como localização de hotéis.

Centro novo

Na primeira metade do século XX, a região da avenida São João era considerada elegante, com residências de boa qualidade e prédios de apartamentos.

Reis Filho (1994: 24) afirma que, entre 1930 e 1960, São Paulo assume outra fisionomia, com as obras de inspiração modernista, sendo todo esse conjunto de obras realizado em concreto armado: o prédio da Companhia Paulista, a Biblioteca Mário de Andrade, os túneis da avenida Nove de Julho, o Mappin, o Estádio do Pacaembu, a Ponte das Bandeiras, o Cine Art Palácio. Foi a época das grandes avenidas de Prestes Maia, o apogeu dos automóveis importados, do rádio e dos cinemas.

O charme da avenida São João, Ipiranga, São Luís e Barão de Limeira obedece aos critérios do Plano Bouvard, bem como a verticalização elegante da São

Luís e da Vieira de Carvalho, com hotéis e restaurantes e da Ipiranga e Barão de Itapetininga, voltadas ao comércio.

Em 1938 têm lugar dois acontecimentos: a inauguração do novo Viaduto do Chá e da Galeria Prestes Maia e, no ano seguinte, a loja Mappin Stores, que se muda para a praça Ramos de Azevedo e passa a chamar-se Casa Anglo-Brasileira.

Na rua Barão de Itapetininga surgem as galerias de lojas, como a Galeria Califórnia e as confeitarias elegantes, como a Vienense e o restaurante Fasano.

O centro novo tem contornos flutuantes, mas nele sempre se inclui a avenida São João, o largo Paissandu, a Santa Ifigênia e a avenida Ipiranga. Andando pela São João, em direção ao bairro, o limite fica estabelecido com o edifício do cine Metro (Pires, 2001).

Já a influência norte-americana, aliada ao uso da indústria, começava a superar a européia, fazendo-se sentir na arquitetura. Como a década de 1920, a de 1940 foi marco de desenvolvimento de grandes hotéis — é a época da proliferação dos hotéis-cassino, em todo o país.

Então, na grande metrópole, importante pólo de atração, multiplicam-se na cidade os teatros, cinemas, edifícios comerciais, indústrias, vida noturna, boêmia.

O deslocamento dos interesses econômicos, que havia se iniciado à época do IV Centenário, cresce em meados dos anos 1960. Confirma-se o rumo oeste de crescimento, rumo à Paulista.

Hotéis em torno das estações: Luz, Santa Ifigênia e Campos Elíseos

Em todos os países ocorreu o desenvolvimento de uma rede de hotéis ligados à implantação das ferrovias. Em São Paulo, com a inauguração da primeira linha férrea a passar pela cidade, a São Paulo Railway (Estrada de Ferro Inglesa), em 1867, começam a surgir, na Luz, os primeiros palacetes da elite paulistana e logo depois os hotéis, para os forasteiros. Depois, em 1875, com a Estrada de Ferro Sorocabana, o movimento de construção de edifícios, de dois ou três andares, para residências coletivas, cresce em direção ao bairro de Santa Ifigênia.

Santa Ifigênia e Campos Elíseos foram os primeiros bairros planejados com arruamento regular na cidade. Ligação entre o centro antigo e as estações de trem, a região logo passou a ter diversos hotéis que abrigaram inicialmente os ricos barões do café, políticos e outros que passavam pela cidade na primeira metade do século XX.

Hoje, essa região de grande importância histórica é conhecida como Cracolândia, onde ficam concentrados pobres, mendigos, excluídos: o centro passa a ser "no go area", enquanto a classe média-alta se dirige a outros bairros, ocupando especialmente o vetor sudoeste.

A parceria público-privada com ações governamentais: Subprefeitura da Sé, Condephaat, bem como de ONGS como a Associação Viva o Centro, aliada a verbas internacionais, inclusive do Banco Interamericano de Desenvolvimento, têm conseguido algumas vitórias e, hoje, há exemplos de restauração de edifícios nessa área que apontam para a viabilidade de um projeto integrado de requalificação do centro e regiões anexas, como a Estrada de Ferro Sorocabana, construída, em 1914, por Ramos de Azevedo, no largo General Osório, que foi restaurada para servir de sede à Universidade Livre de Música e a Estação Júlio Prestes, que foi transformada na Sala São Paulo e é divulgada como o melhor espaço da cidade para apresentação de orquestras.

Outros importantes exemplos de patrimônio são: o Palacete Campos Elíseos, o casarão da família Dumont, as igrejas Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia e os hotéis da rua Mauá (antiga rua da Estação). Um exemplar desse tipo é o Hotel Federal Paulista, prédio de três pavimentos, construído alinhado ao lote, em alvenaria de tijolos, pelo escritório de Ramos de Azevedo e, apesar disso, sem qualquer cuidado, hoje está quase caindo...

Os divertimentos do centro velho passam ao outro lado do vale. O eixo dessa expansão para o oeste é a avenida São João, limite entre o centro novo e Santa Ifigênia e que viria a ser escolhida como local de preferência para as casas de diversão noturna da cidade. A presença de casas de prostituição em Santa Ifigênia, principalmente na região das ruas dos Timbiras, Vitória e Aurora, tornou-a conhecida como a "Boca do Lixo".

Essa proximidade indesejável, bem como o movimento de forasteiros, hotéis e pensões de todos os tipos, a carga e descarga das estações, logo fizeram a elite cafeeira deixar o bairro.

Os luxuosos hotéis dos anos 1920

Na década de 1920 inaugura-se o Terminus (observe-se que essa é uma denominação usual, em todos os países, para indicar os hotéis localizados próximo aos terminais ferroviários — *terminus* ou terminal hotel), na avenida Prestes Maia, com mais de duzentos quartos.

Surgem hotéis luxuosos próximos ao Teatro Municipal para abrigar os barões do café e os emergentes industriais; hotéis nos edifícios que haviam sido construídos com fins residenciais ou para escritórios, como o Hotel Central, na avenida São João. O hotel existe desde 1918, em edifício construído pelo escritório de Ramos de Azevedo. É protegido pelo Departamento de Patrimônio Histórico. Segundo Toledo, junto com o Hotel Britânia, é de grande importância documental, representando uma época em que se mesclava o ecletismo com o concreto armado, permitindo prédios com maior altura. É o primeiro hotel de quatro pavimentos na cidade.

O Hotel Esplanada, inaugurado em 1924, ao lado do Teatro Municipal, foi considerado o mais famoso dessa região e, por muito tempo, "o melhor hotel da cidade" (foi o primeiro da lista da revista *Hotéis do Brasil*, entre 1947 e 1958), ponto de encontro da elite paulistana. De autoria do francês Joseph Gire, o mesmo arquiteto que projetou o Copacabana Palace, é exemplar típico dos Grands Hôtels, da Belle Époque francesa, embora já temporalmente tardio. O prédio, de estilo do classicismo frances, inspirado nas formas arquitetônicas dos palácios franceses da época dos luíses, formava belíssimo conjunto com o teatro e valorizava-se com a beleza do Parque do Anhangabaú. Era arrendado por Otávio Guinle, proprietário então do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. O prédio ainda existe, embora descaracterizado por reformas. Pertence ao grupo Votorantim e se encontra em bom estado de conservação.

Os hotéis dos anos 1940 e o IV Centenário

No início do século XX, com transformações em pleno desenvolvimento, os hotéis mudam de perfil construtivo e arquitetônico. O uso dos elevadores faz aumentar a altura das construções e o ecletismo é eleito como fonte de inspiração arquitetônica.

Segundo dados das Listas Telefônicas (de 1917 a 1970), as décadas de 1950 e 1960 foram as de maior incidência de hotéis na cidade[2]. Surgem hotéis importantes no centro novo. Entre os possíveis motivos para esse desenvolvimento, pode-se apontar o aumento dos incentivos do poder público para o incremento do turismo em São Paulo, com vistas às comemorações do IV Centenário.

Com esses incentivos, os hoteleiros se esforçam para suprir a carência de leitos e aumentar os negócios ligados ao turismo no desenvolvimento da cidade, que se tornou, a partir da década de 1950, a maior do Brasil, ultrapassando a então capital do país, o Rio de Janeiro, tanto na capacidade de concentração econômica

2. As Listas Telefônicas apontam que, dos 650 estabelecimentos hoteleiros existentes na cidade de São Paulo em 1970, 58 eram da década de 1920, 95 foram construídos na década de 1930, 80 na década de 1940, 110 na de 1950, e o pico de inaugurações se deu em 1960, com 200 exemplares. O número de hotéis diminui para 105 em 1970 (Gomes, 2003: 66).

quanto na demográfica. Nessa época, já contava com quase 2.700.000 habitantes, representando 1/4 da população do estado.

Importante exemplar da época, o Hotel Jaraguá foi inaugurado em 1954, passando a ser o marco na hotelaria paulistana — obra de José Tjurs. Era o hotel que possuía o maior número de UHs da cidade, tinha 240 apartamentos. O edifício onde funcionava o hotel foi inaugurado em 1953 e pertencia ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que ocupava seis pavimentos e dois andares subterrâneos. Em 1969, era classificado como um dos três estabelecimentos de luxo da cidade, junto com o Othon e o Ca´D´Oro (depois de um período de fechamento, o edifício foi restaurado e reformado, incluindo os três painéis gigantes, de Portinari, Di Cavalcanti e Clóvis Graciano e passou, recentemente, a ser propriedade do grupo francês Accor, instalando-se lá a bandeira Novotel).

Segundo Bruno (1991: 137), esse é um período de grandes investimentos, em que "locais de diversão, de passeio e de atividades esportivas se multiplicaram de forma notável".

Anos 1950 e 1960

Surge o Hotel Comodoro, voltado ao público de médio poder aquisitivo, na avenida Duque de Caxias. Cada apartamento tem uma decoração diferente. A inovação é que são do tipo estúdio — idéia norte-americana, que consistia em transformar cada unidade em sala de estar durante o dia e em quarto de dormir à noite. Hotel preferido de Cândido Portinari, tem um mural de sua autoria no mezanino. Foi construído em terreno onde existira a casa de dona Olívia Guedes Penteado. O Captain´s Bar, situado no *lobby* do térreo, foi importante ponto de encontro na vida noturna da cidade.

Compondo o cenário da avenida 9 de julho, em 1952 é inaugurado o Hotel Claridge (que a partir de 1964 passa a denominar-se Cambridge), com um sofisticado bar, todo estofado em couro, que também recebia a "nata" da sociedade paulistana.

Hotéis como Excelsior, Cinelândia e Marabá passam a integrar a maior rede hoteleira da cidade — a Horsa, de José Tjurs.

No fim dos anos 1950, início dos 1960, o transporte de passageiros estava deixando as ferrovias e sendo substituído pelo transporte rodoviário. Em 1961 inaugura-se a Estação Rodoviária, na Praça Júlio Prestes. Começam a surgir hotéis no seu entorno e junto à Praça Princesa Isabel, como o Hotel Premier, inaugurado em 1962.

Avenida Paulista

Inaugurada em 1891, com todos os serviços essenciais, arborizada, rapidamente a avenida passou a ser o cenário dos palacetes das famílias aristocratas, de alta renda.

Entre 1940 e 1970 vêem-se mudanças significativas. No início dos anos 1950, o comércio sofisticado da cidade já tinha começado a subir a rua Augusta, em direção à Paulista. A ocupação dos Jardins transforma a avenida em grande eixo de tráfego. Começa o processo de verticalização, que vai substituir as mansões ecléticas pelos bancos e edifícios residenciais, com programas de uso misto, incorporação do uso da máquina nas construções e grandes garagens para acomodar os automóveis.

Na época do milagre brasileiro (entre 1968 e 1970), a centralidade da Paulista já era uma realidade instalada.

Em termos de hospitalidade comercial, o fim da década de 1970 marca a inauguração do Maksoud Plaza, que foi, depois, por quase duas décadas, símbolo da hotelaria mais luxuosa na cidade. Sua torre envidraçada foi inspirada nos hotéis Hyatt, obras do arquiteto norte-americano John Portman. Depois dele, vieram, na região, o Caesar Park, o Sheraton e o Metropolitan Plaza.

A implantação das primeiras cadeias multinacionais e o avanço da hotelaria nacional

Graças aos incentivos fiscais e financiamentos aliados a outras diretrizes que se seguiram na década de 1970, o turismo passou a ser encarado como alternativa para o processo de desenvolvimento e surgem, então, no Brasil, os grandes conglomerados econômicos multinacionais.

O primeiro grupo transnacional de hotelaria a chegar ao Brasil foi a cadeia Hilton. A revista *Hotéis do Brasil* (1978), quando de sua inauguração, em 1971, informa que ocupa 34 andares e tem área de 1.400 metros quadrados. Possui 416 apartamentos, com ar-condicionado, banheiros e telefones. Três restaurantes e quatro bares, piscina, salão de convenções, salas de reunião, cinema, lojas, butiques, salão de fisioterapia, de beleza, barbeiro, consultório médico. Empregava 450 pessoas, no total, sendo 145 homens apenas nos bares e restaurantes e 60 cozinheiros.

O edifício foi tombado pelo Patrimônio Histórico, pela arquitetura e por ser símbolo da cidade. Sofre hoje, também, com a degradação do entorno, mas representou um marco de modernidade ao país e de grande importância, em seus primeiros anos, especialmente por hospedar os executivos norte-americanos e estrangeiros que vinham a negócios e queriam ser atendidos dentro dos padrões

de classe e categoria internacional. Encerrou as atividades quase na mesma data em que entrou em funcionamento o novo Hilton da avenida Berrini, e hoje, fechado ao público, tem 10 funcionários cuidando de sua manutenção.

A Berrini e o vetor sudoeste de expansão

A expansão urbana da cidade, que empurrou a população para as periferias, em especial nos quadrantes sul e leste, criou uma espécie de área central privilegiada, que fica sob controle da autoridade pública — e que cresce no vetor sudoeste. Como o crescimento é contínuo, foi inevitável o impacto dos bolsões de pobreza com esse centro privilegiado, expondo a desigualdade que ocorre em todo o país, que só concentra e não distribui riqueza. Esse fenômeno é claro, por exemplo, nos bairros contíguos, como Vila Andrade (onde há favelas) e Morumbi (das grandes mansões).

Iglecias aponta a avenida Faria Lima como vetor da nova expansão do centro em direção à região sudoeste da cidade, indicando como marcos históricos e territoriais do vetor sudoeste o Centro Empresarial São Paulo, fundado em 1977 e a avenida Luiz Carlos Berrini, "invenção da Bratke, Collet, numa operação praticamente monopolista"(2001: 21).

O segundo hotel de cadeia internacional (sendo o Hilton, em 1971, o primeiro) a se instalar em São Paulo foi o Novotel. O primeiro hotel de rede francesa, que mais tarde viria a denominar-se Accor, foi inaugurado nesse mesmo ano, de 1977, também nas proximidades do Centro Empresarial.

Dessa época em diante, o traçado entre a avenida e o bairro de Santo Amaro experimentou uma brutal valorização imobiliária e modificação significativa de sua vocação econômica e de sua paisagem arquitetônica.

Num trecho de cerca de 5 quilômetros, ao longo do rio Pinheiros, entre a avenida dos Bandeirantes e a Ponte Transamérica (região sudoeste de São Paulo), têm sido construídos, na margem direita do rio, os maiores, mais caros e avançados empreendimentos imobiliários do país (iniciados em meados dos anos 1970 pela construtora e incorporadora Bratke e Collet). Aí se instalam empresas nacionais e internacionais de ponta na economia contemporânea, bem como hotéis de luxo, centros de consumo sofisticado e infra-estrutura diferenciada de lazer.

Pode-se considerar como fazendo parte dessa categoria, digamos, de hotéis "pós-modernos", desde o prédio do Hilton, da avenida São Luís, o Maksoud Plaza e os hotéis da região da Paulista, o novo Unique e, especialmente, os localizados na região da Berrini. Eles rompem com a arquitetura modernista – em que se valorizavam as formas retas e funcionais, a parcimônia de cores e materiais como concreto e vidro.

Segundo Iglesias (2001: 22), os elementos que caracterizam o estilo "pós-moderno" são: o uso maior de diagonais, volumes que saem do retângulo ou nele criam incisões, elementos lúdicos, materiais coloridos, transparências, sacadas e paisagismos. O saguão tem pé-direito alto e muita jardinagem. O concreto é substituído por combinações de granito e vidro, cilindros, alumínios, reentrâncias. O *skyline* do horizonte da cidade agora é novo, diverso da metrópole industrial.

Enquanto isso, na margem esquerda do rio têm-se consolidado os bairros habitados por populações de baixa renda — favelas e casas autoconstruídas. Como afirma Iglecias (2001: 48), curiosamente, a avenida que separa as duas margens é denominada Nações Unidas, mas conhecida popularmente como marginal. O primeiro nome sugere o cotidiano dos executivos das transnacionais e o segundo remete à situação das favelas próximas.

O conceito básico de *urbis*, local de convívio coletivo, tem desaparecido; o ato de andar pelo passeio público, das trocas efetuadas na praça do mercado, a interação, o encontro com o outro, o estranho, o diferente, têm sido evitados, especialmente pelas classes mais abastadas, que vivem em "bolhas de segurança". De manhã cedo, saem dos condomínios residenciais em carros particulares, vão para as escolas ou condomínios de trabalho e à tarde, às compras ou para comer nos shopping centers. E esse comportamento continua nas férias, visto que cada vez mais pessoas procuram passar seus períodos de lazer num resorte, ou num cruzeiro marítimo, onde se perpetua a "bolha": total segurança, os mesmos comportamentos, contatos entre iguais, tudo como o esperado, apenas variando o entorno geográfico.

O que preocupa e que talvez explique a busca pelos estudos de hospitalidade é que, em termos sociais, não há mais a riqueza das trocas, não há surpresas, não há contatos com o diferente. A metrópole tende a ser uma misantrópole (do grego *misánthrópos*, aquele que tem aversão à sociedade, que evita a convivência, que é solitário, insociável, antropófobo) (Iglecias, 2001: 46).

Resumindo: *booms* hoteleiros do século XX

A década de 1920 presencia a primeira expansão da hotelaria nacional. Inaugura-se em 1922 o Hotel Glória, de estilo ritziano, com 640 apartamentos e, logo, em 1923, o Copacabana Palace, inspirado no Carlton, de Cannes, com 223 apartamentos e área de 13.000 metros quadrados, enquanto o Méridien tem 500 apartamentos em 1.100 metros quadrados. Também por essa razão, emprega o dobro de funcionários do que se tivesse uma estrutura vertical, de torre, como o Sheraton ou o Méridien.

Em São Paulo, o Esplanada, inaugurado em 1924, ao lado do Teatro Municipal, foi considerado, por muito tempo, "o melhor hotel da cidade".

Os anos 1940 vêem um novo desenvolvimento no setor de meios de hospedagem, com a perspectiva de crescimento das estações termais e dos hotéis cassino, que vai até 1946. Logo após a promulgação do decreto federal que fecha os cassinos, a ocupação hoteleira cai bruscamente e há estagnação do turismo e da hotelaria.

A partir da década de 1970, começam a se expandir, em todo o país, as redes internacionais de hotéis. Na década seguinte, de 1980, a retração econômica afugentou os investimentos estrangeiros e o ritmo de desenvolvimento de empreendimentos estrangeiros foi reduzido. Surgem e se expandem fortemente os *flats* ou hotéis-residência.

Em 1979, inaugura-se, na região da Paulista, o Maksoud Plaza, que logo passa a ser o novo ícone de luxo e modernidade da cidade. Em meados da década, por volta de 1986, instala-se, na alameda Santos, outro concorrente, tanto para o Hilton como para o Maksoud, o Sheraton Mofarrej, trazendo também o padrão norte-americano de serviços. Hoje denominado Meliá Mofarrej, representa a marca da hospitalidade espanhola.

No início do século XXI, 35 anos após a implantação do São Paulo Hilton Hotel, o primeiro hotel de rede internacional no Brasil, a corporação volta a investir na cidade, em empreendimento voltado ao turismo de negócios, na região da avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, o mais novo pólo da história da hotelaria de São Paulo. Curiosamente, a região da Berrini começava a desenvolver-se em 1974-1975 enquanto que, em 1970, a Paulista já era o centro dos bancos e das empresas. Hotéis e *flats* da zona sul surgem para dar apoio aos novos escritórios das avenidas Faria Lima, Berrini e Marginal Pinheiros. É nessa região que têm surgido os hotéis de última geração, como o WTC (até recentemente Meliá), no World Trade Center.

Considerações finais

Partindo-se do pressuposto de que os hotéis surgem para satisfazer determinadas necessidades, pode-se afirmar que os primeiros hotéis, do império, na cidade de São Paulo, no século XIX, surgiram para acompanhar a mudança dos costumes trazidas pelo imigrante europeu e atender às novas necessidades de receber, alojar e entreter, dos barões do café.

Já o ciclo hoteleiro seguinte, que abrange o início do século XX, será apoiado pela indústria e pelas inovações tecnológicas – como a eletricidade, os elevadores, o telefone e o telégrafo – e construtivas, como a estrutura metálica, a alvenaria de tijolos e, mais tarde, o concreto armado. A terceira fase, com a entrada das multinacionais, iniciada timidamente em 1970, e fortemente a partir da década de 1990 e no século XXI, vem apoiar o novo mercado de serviços que começava a se configurar. São Paulo passa a substituir sua vocação industrial, transformando-se em uma sociedade de serviços educacionais, de saúde, financeiros, de entretenimento, entre outros. Turismo e negócios, eventos e comércio, alta e baixa gastronomia, novas tendências na música, teatro, cinema, moda e *design* aqui se misturam para formar a megacidade do século XXI.

Referências bibliográficas

BRUNO, Ernani S. 1991. *História e tradições da cidade de São Paulo.* São Paulo: Hucitec.

DIAS, Celia M. de Moraes. 1990. *Home away from home* – Evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo. Dissertação (Mestrado) – ECA-USP, São Paulo.

FRIEIRO, Eduardo. 1982. *Feijão, angu e couve:* ensaio sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.

GOMES, Maria. G. S. 2003. *Expansão urbana e história da evolução da hotelaria no centro de São Paulo – 1950 a 1970.* São Paulo, UNIBERO.

GOTMAN, Anne. 1997. La question de l'hospitalité aujourd'hui. In: *Communications 65. L´ hospitalité.* Paris, Seuil.

IGLECIAS, W. 2001. Impactos da mundialização sobre uma metrópole periférica: o vetor sudoeste de São Paulo. *Cadernos Metrópole,* n. 6, p. 9-53, 2º sem.

MARTINS, Ana L. 2004. A academia de direito e a vida cultural de São Paulo. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). *São Paulo:* uma longa história. São Paulo: CIE-E, 2004.

MOMBEIG, Pierre. 2004. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica da cidade de São Paulo.* São Paulo, Globo.

MOURA, Paulo C. 1980. *São Paulo de outrora:* evocações da metrópole. São Paulo: Itatiaia: EDUSP.

OS HOTÉIS pioneiros na capital paulista. *Hotéis do Brasil.* 1978. São Paulo, HB, (338): ago.

PIRES, Raquel d'A. 2001. *Hotéis na cidade de São Paulo, 1900-1971.* São Paulo, UNIBERO.

REIS FILHO, Nestor G. 1994. *São Paulo e outras cidades:* produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo, Hucitec.

SINGER, P. 2004. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. (Org.) *História econômica da cidade de São Paulo.* São Paulo, Globo.

TOLEDO, B. L. 1983. *São Paulo:* três cidades em um século. 2. ed. São Paulo, Duas Cidades.

Recebido em: 28/06/2005.
Aprovado em: 20/04/2006.